

A Voz Feminina no Rádio Paranaense¹

Any Mary Ossak CORDEIRO²
Níncia C. R. Borges TEIXEIRA³

Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro), Guarapuava, PR

RESUMO

A figura feminina sempre esteve ligada ao ambiente privado, mais precisamente ao ambiente doméstico, pois era criada e educada para ser uma boa dona de casa e mãe exemplar. Aos poucos, as mulheres começaram a sair desse ambiente e foram em busca de seus direitos e espaço. A luta não foi nada fácil, muito menos rápida, tudo aconteceu aos poucos, já que a sociedade em geral caminhava contrária á tudo isso. O projeto pretende fazer um resgate histórico desse processo, dando enfoque ao rádio que foi o meio de comunicação que deu a mulher o espaço para que pudesse se expressar. No início o veículo servia de vitrine para as cantoras e atrizes das radionovelas, porém com o passar do tempo passou a ser um grande aliado na busca por direitos iguais, sejam eles políticos, culturais ou sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Rádio; Voz; Mulher; História.

INTRODUÇÃO

Muito mais que comunicar, os meios de comunicação são companhia diária de muitos telespectadores e, além disso, fontes de referências. Antes do surgimento da TV, o jornal fazia esse papel e logo depois o rádio.

Tudo começou em janeiro de 1922, na cidade do Rio de Janeiro. Anunciava-se a chegada de um novo meio de comunicação que prometia quebrar fronteiras para levar a informação de forma rápida e imediatista. Roquette Pinto e Henrique Morize, foram os primeiros a acreditar no potencial do rádio, fundaram em 1923, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com o prefixo PRA-A.O prestígio intelectual e social de ambos levou e iria estimular outras personalidades a investir no radio na década de 1930.

O rádio brasileiro tem uma história de vida que influencia gerações e traçou os primeiros passos da televisão no país. Todos os acontecimentos importantes entre as décadas de 1930 e 1960 passaram pelo rádio. Os lançamentos musicais, comerciais,

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

²Estudante do 3º ano do Curso de Comunicação Social - Jornalismo email: anymary_ossak@hotmail.com.

³Pós doutora em Ciência da Literatura, professora do Programa Mestrado em Letras da Unicentro. email: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br.

artísticos e os fatos noticiosos eram obrigatoriamente veiculados por esse meio de comunicação.

Quase desde o começo, o rádio abrigou o modo de viver do brasileiro. Ele foi o primeiro veículo a conquistar as massas, tornando-se o principal meio de integração cultural do país. Nessa época o brasileiro começa a eleger seus ídolos nacionais por meio das ondas do rádio (CÉSAR, 2005, p. 178).

Em 1940, quando a propaganda foi autorizada, o rádio alavancou ainda mais seu poder de alcance. Os programas de auditório eram frequentes, multidões se reuniam para assistir os programas ao vivo. As radionovelas também faziam enorme sucesso. Segundo Cyro César (2005), três vezes por semana, às oito horas da noite, todos os compromissos eram marcados para depois das nove, poucos carros circulavam nas ruas, pois todos estavam em casa, nos clubes, nos bares sentados em volta dos rádios para esperar e ouvir *O direito de nascer*. A novela de maior sucesso da história do rádio.

Nos programas de auditório, era comum acontecer o concurso para a escolha das Rainhas do Rádio, que servia de espécie de vitrine para as jovens. Segundo Tavares (1999) o concurso teve início em 1937, ano em que Linda Baptista (Florinda de Oliveira) elegeu-se a primeira “Rainha do Rádio Brasileiro”. Também são citadas outras figuras importantes como Marlene (Vitória Bonaiutti) eleita rainha em 1949 e Emilinha Borba (Emília Savanna Borba) candidata que ficou em terceiro lugar nesse mesmo ano, mas que em 1953 conseguiu a tão sonhada faixa de “Rainha do Rádio”, No período de 1951/1952, Dalva de Oliveira (Vicentina de Paula Oliveira) tornou-se a quarta “Rainha do Rádio Brasileiro”.

O rádio também foi o grande “divulgador” de novos talentos. Nos programas de variedades eram feitos vários concursos que lançavam novos cantores e cantoras. Como conta César (2005), surgem os primeiros ídolos do rádio como: Linda Batista; Araci de Almeida, Francisco Alves, Carmem Miranda, Hebe Camargo, Orlando Silva, Sílvio Caldas, entre outros.

A pesquisa analisa como ocorreu a inserção da mulher no rádio, dando enfoque nas rádios do Paraná, assim traça um cenário histórico-social do perfil do gênero feminino na sociedade e nas rádios. Também mostrar a história da participação feminina nos espaços de elaboração, transmissão da cultura e atuação dentro de um veículo formador de opinião.

2. Questão de gênero e mídia: a mulher nas ondas do rádio

Poletto e Poletto (2008) lembram que embora a participação da mulher no rádio tenha sido sempre menor em relação à participação masculina, já a primeira emissora oficial no Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, contava com a participação de Maria Beatriz Roquette-Pinto, filha de Roquette-Pinto, um dos fundadores da emissora. “Ela atuou apenas no primeiro ano de funcionamento da Rádio” (TAVARES, 1999, p. 108).

O rádio sempre foi formador de opinião, devido ao grande alcance que tinha atinge muitas pessoas em todo canto do mundo. Por formar opinião, as mulheres não poderiam ser parte disso, já que na época, a única função feminina era cuidar do lar e da família. “(...) a mulher está cada vez mais circunscrita aos manejos do espaço interior, ficando reservadas ao homem as atividades do mundo exterior” (TRINDADE, 1996, p. 53).

Quando as mulheres saíram de casa e começaram a atuar como radialistas houve espanto e preconceito, principalmente no início das transmissões. Nivalda Severo afirma que “a mulher que trabalhava no rádio não era bem vista” e, assim era comum a adoção de pseudônimos (apud MEDEIROS e VIEIRA 1999, p. 96). Tavares reconhece a coragem dessas mulheres:

(...) Nosso tributo de admirador a todas as mulheres que escolheram o rádio como profissão (...) pela coragem que tiveram (...), já que os tempos eram outros, onde a mulher era olhada como simples objeto, relegada a um segundo plano, principalmente num veículo formador de opinião pública (TAVARAES, 1999, p.111).

No Paraná, dois nomes são apontados como as pioneiras na locução dos programas dos rádios brasileiros. Lustosa (2005) afirma que Alice Xavier foi a primeira locutora do rádio paranaense e talvez a pioneira do Brasil. Ela atuou na Rádio Clube nos anos de 1931 a 1933. Ela era companheira do locutor Ênio Marques Viana. Ele e Alice Xavier anunciavam os nomes das músicas que eram solicitadas pelos ouvintes. Já Tavares (1999, p.108) afirma ser Diva Ayres de Moraes, da Rádio Difusora de Ponta Grossa, onde além de locutora, foi a primeira mulher a exercer a função de DJ (*disc-jockey*) no Paraná.

Segundo Tavares (1999), a atuação feminina no rádio ocorreu até o final dos anos 60, época em que houve uma total remodelação no veículo devido à chegada das emissoras em FM. Poletto e Poletto (2008) apontam que no Brasil dos anos 1930 até os anos 1990 o padrão predominante é o da voz grave.

Esse tipo de voz grave era mesmo necessário: se estudarmos a evolução da tecnologia para captação e transmissão do som, verificaremos que hoje ela nos permite a captação, transmissão e recepção de vozes suaves e baixas, o que era impossível ou muito mais difícil nos primeiros tempos (POLETTO e POLETTO, 2008, p. 5).

As mulheres tiveram grande destaque como cantoras e rainhas do rádio, entretanto, isso não garantiu que o número delas fosse superior ao de homens trabalhando, ou mesmo se apresentando, no veículo. Já em 1997, Mata *apud* Poletto e Poletto (2008, p.1) confirma essa situação: há predominância masculina em 68% dos cargos em rádios latino-americanas e em 71% dos cargos de locutor (in Alfaro, 1997, p. 71). Ivanike *apud* Poletto e Poletto (2008, p.2) repetiram a constatação em 1999 em Curitiba: 87,23% dos cargos de locutores eram ocupados por homens. Poletto e Poletto (2008), em 2005 fazem um novo levantamento, mas um resultado diferente. Constatou-se que, junto a 11 emissoras de rádio em Curitiba, apenas 5 delas possuíam locutoras, num total de seis funcionárias nesta função. Ou seja, nem 50% das emissoras contavam com a presença feminina. As pesquisas acabam mostrando que apesar de anos se passarem as mulheres continuam sendo minoria nas emissoras de rádio.

Isso é resultado de papéis, por exemplo, a mulher foi criada e educada para ficar em casa, cuidar da casa e ser mãe e já ao homem o papel atribuído era trabalhar fora, em qualquer função, e trazer dinheiro para casa. Conforme Louro, papéis são, “padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar...” (LOURO *apud* POLETTO e POLETTO, 2008, p.2)

Ainda segundo Louro, “É através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas” (LOURO *apud* POLETTO e POLETTO, 2008, p.2)

As escolas da Curitiba do século XIX tiveram papel fundamental para que esses papéis fossem seguidos a risca.

(...) a escola assimila e divulga uma posição que cerceia, veladamente, o acesso da mulher ao saber científico, sem negar-lhe, porém, breves contatos com ele – comportamento assentado no preconceito que considera o sexo feminino inapto a exercer seus direitos políticos, sua intelectualidade e seu raciocínio. (TRINDADE, 1996, p.53)

Comprar, vender, pagar: eis a que se destinam os conhecimentos “científicos” das mulheres! (TRINDADE, 1996, p. 54). Etelvina (1996), afirma que essa proposta educacional tinha um objetivo bem claro: “O aligeiramento da proposta educacional busca apenas produzir mulheres “educadas”, dedicadas donas-de-casa e candidatas no mercado matrimonial”.

Fazendo cumprir essa expectativa, “o liberalismo dos planos republicanos responde com a disseminação da escolaridade primária e do ensino “prático”, manifesto na preocupação generalizada com os trabalhos manuais” (TRINDADE, 1996, p.54).

A legislação do ensino vai, por isso, tratar dos trabalhos manuais atribuídos à mulher. O Regulamento da Instrução Pública do Estado do Paraná em 1901, em seu Título 3, art. 21, enumera as disciplinas recomendadas ao ensino elementar (então chamado 1º grau), acrescentando-lhe, ao final da listagem, noções de economia doméstica e trabalhos de agulha para as meninas; e no 2º grau (futuro complementar), costura, bordado e corte. (TRINDADE, 1996, p.54)

A introdução da mulher nos trabalhos manuais era comum tanto nas instituições religiosas, como nas salas de estabelecimentos públicos ou nos ambientes da Escola Profissional Feminina. Etelvina (1996) conta que além de prepara-las para perfeita execução dos trabalhos manuais como para a administração e o controle do bom andamento doméstico.

Aos poucos e sem deixar de lado a sua função primordial, cuidar da família e do lar, a mulher paranaense do século XIX quando começa a frequentar as escolas, passa a fazer parte da sociedade.

(...) escola e sociedade, permitem à mulher a ocupação vigiada dos espaços públicos onde espera-se que seja adorno no lazer e nas artes, cooperação no trabalho rentável e esteio da construção nacional. Atrelada a essas funções, ela consegue transpor, finalmente, os limites da casa, tornando-se manifesta no mundo exterior. (TRINDADE, 1996, p. 62)

A mulher da sociedade é reverso explícito da mulher da família.

(...) a mulher da sociedade é alguém que ocupa lugar efetivo e dinâmico nos espaços exteriores (...) ao final do século XIX, em áreas até em tão vedadas ao sexo feminino: no mundo do trabalho, no campo político, nas manifestações populares. (TRINDADE 1996 p.62).

Segundo Etelvina Trindade (1996 p. 62), essas novas mulheres são parte ativa no movimento urbano, encaminhando-se diligentemente às compras, ao trabalho, aos lazeres ou aos *meetings*.

As mulheres alcançaram alguns benefícios, mas pouco usufruíram devido a suas características históricas, onde as sociedades eram regidas pelas figura masculina e as mulheres ficavam sob obediência patriarcal, na qual o homem era a autoridade da família. Segundo Carvalho (2011), as mulheres eram consideradas subalternas, devendo obediência e respeito às pessoas do sexo masculino. E afirma que esse processo envolve relações de gênero.

(...) as relações existentes são desiguais, ocorrendo uma forma de dominação patriarcal dos homens sobre as mulheres, em um modelo masculino de dominação, tanto na esfera privada (ambiente familiar), quanto na esfera pública (organizações que envolvem o trabalho). (CARVALHO, 2011, p.145)

A mulher sempre deve seus direitos reduzidos, o poder sempre foi praticado pelos homens, inclusive era vista como parte excluída da sociedade. “Apenas em 1961 foi modificada a legislação que comparava as mulheres aos índios, crianças e doentes mentais” (MORGADO *apud* POLETTO e POLETTO 2008, p. 2).

Percebe-se que o sujeito universal masculino sempre teve à frente da arena de decisões, sejam elas políticas, sociais ou domésticas. Ou seja, havia uma exclusão das mulheres da arena dos direitos civis, do Estado de direito. Esse foi um argumento importante para o surgimento dos movimentos femininos na luta por direitos, fazendo emergir debates na arena pública em defesa da cidadania feminina. (CARVALHO, 2011, p. 147)

A partir da década de 1970 as mulheres começaram ir à luta, em busca de seus direitos, e principalmente condições de igualdade. Em consequência das lutas surge em 1975 a “Década da Mulher”. Com isso foram organizados vários encontros tendo como foco o fim da discriminação da mulher, enquadrando-a nos planos de desenvolvimento. Carvalho (2011 p. 147) conta que esses encontros são “Conferências Mundiais das Nações Unidas”, como a de Copenhague (1980), Nairobi (1985) e Beijing (1995).

Essas conferências passaram a ser um espaço para o fortalecimento das questões de gênero, buscando a discussão de ações coletivas e

estratégias para a formulação e implementação de políticas públicas voltadas para tal objetivo. (CARVALHO, 2011, p. 147)

Encorajadas por essa nova onda da república liberalista, nos anos 1980 aconteceu o afloramento dos movimentos feministas, onde as mulheres começaram a lutar pelos seus direitos e acabam encontrando no rádio uma forma de incentivo.

Foi quando começou a surgir no rádio programas como o, *Viva Maria*. O programa *Viva Maria*, um dos primeiros a mobilizar as ouvintes contra a violência doméstica e para a defesa da qualidade no atendimento sexual e reprodutiva das mulheres pelas unidades públicas de saúde. (VELOSO, 2008, p. 2).

A experiência do programa inspirou uma nova revolução na comunicação radiofônica do movimento feminista, que começou a tomar forma quando estratégias nacionais de acesso do discurso das mulheres organizadas à mídia obtiveram inegável impacto social. Duas articulações elevaram o status do sujeito político feminista ao do formador de opinião: a Rede nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos (Rede Feminista de Saúde) e a Rede de Mulheres no Rádio. (VELOSO, 2008, p.2)

Ainda no início das transmissões as emissoras não demoraram a perceber a importância das mulheres no consumo do discurso radiofônicos.

Se há uma imagem facilmente associada à dona-de-casa é a imagem de uma rádio ligada, acompanhando as tarefas do lar, sem culpa, porque essa companhia não atrapalha o trabalho doméstico (ALFARO *apud* POLETTTO e POLETTTO, 2008, p.3)

Ou seja, eram úteis para manter a audiência e assim conseguir também a sobrevivência econômica, pois se tem audiência tem patrocínio. Principalmente de produtos destinados a dona de casa. A *Standart* “via no rádio um excelente veículo para alcançar as donas de casa” (FERRARETTO *apud* POLETTTO e POLETTTO, 2009, p. 4)⁴.

Outra estratégia usada pelas emissoras era a de mulheres falando para mulheres, para além das questões de interesse também pela questão dos conteúdos, da forma como trataria certos assuntos. Segundo Poletto e Poletto (2008), a intenção era que a ouvinte se sentisse compreendida pela locutora, estabelecesse uma relação de amizade e /ou visse sua imagem “refletida” na imagem da apresentadora.

⁴Agência de propaganda *Standart*, na época responsável pela conta Colgate-Palmolive no Brasil.

Albertina de Grammont Costa Lima, ou melhor, Sarita Campos (nome artístico), foi uma das pioneiras a produzir programas femininos para o rádio. Mesmo sem saber, com intenção, ou não, ajudou a dar início a movimentos pelos direitos das mulheres.

(...) talvez não tenha atentado que suas crônicas, seus conselhos, suas receitas culinárias, seu consultório sentimental, ou ainda seus editoriais, tenham, concidentemente, ou não, dado início ao movimento pelos direitos da mulher, conquistando várias reivindicações na luta pela sua emancipação, abrindo caminhos até então só percorridos pelos homens, tidos como machistas... (TAVARES, 1999, p. 113)

Tavares cita outros programas criados por Sarita Campos. “... desatacamos o “Boa Tarde”, “Falando à Mulher”, “Palavra da Moda”, “Madame D’Anjour” (um de seus pseudônimos), “Teatrinho Singer” e muitos outros.... (TAVARES,1999, p. 113).

Em pesquisa realizada pela revista *Imprensa* de março de 2005, na edição especial por ocasião do Dia Internacional da Mulher, sobre as mulheres na comunicação. É possível ver algumas comparações entre mulheres e homens que atuam em diferentes mídias no Brasil. Em algumas áreas a presença da mulher apesar de menor, se torna um pouco mais igualitária, como por exemplo, revistas, onde há aproximadamente 7.932 profissionais, desse total, 3.793 eram mulheres (aproximadamente 48%) e TV, em que 47 % dos cargos eram ocupados por mulheres, mas essa situação não ocorre no rádio onde, num total aproximado de 12.878 profissionais, 2.260 eram mulheres, ou seja, apenas 17% dos cargos eram ocupados por mulheres. Ainda sobre os dados da pesquisa Corazza (2005) afirma:

Se a mulher vem ganhando espaço no mercado de trabalho, nas diferentes mídias, não é simplesmente por ser mulher. As que estão em evidência não nasceram no sucesso, mas foram construindo, passo a passo, com dedicação e competência. (CORAZZA, 2005, p.8)

E quanto à pesquisa de campo realizada, conclui que, “(...) ao falar com mulheres profissionais da comunicação, o que elas próprias destacam é que mesmo num ambiente e numa cultura desconfortável, vencem pela competência, persistência e dedicação” (CORAZZA, 2005, p.10).

A conquista dos direitos das mulheres não foi algo fácil, mas, com muita luta e dedicação, aos poucos, conquistaram seus direitos e foram ganhando espaço. Inclusive na mídia, local formador de opinião e com clara dominação masculina. Ao longo do tempo, o

rádio se tornou um aliado das mulheres e deu a elas espaço e voz para que assim possam estar presentes em todo e em qualquer ambiente, seja ele midiático, político ou social.

CONCLUSÃO

Para as mulheres, que enfrentam dilemas oriundos da relação entre as esferas privada e a pública, anunciar suas ideias e opiniões, exercendo papel de liderança na sociedade, ainda é um grande desafio. As esferas públicas não são só arenas para a formação da opinião discursiva, são espaços para a formação e o desempenho de identidades sociais. Participar ativamente dos meios de comunicação significa ser capaz de falar “em sua própria voz”, assim, constrói-se e expressam a própria identidade cultural através do idioma e do estilo. O direito de a mulher comunicar é um direito básico que foi duramente conquistado.

Ao ter voz sua voz ecoando no rádio, as comunicadoras são empoderadas, isso promove a igualdade de gênero e a melhoria das condições e posições das mulheres em todo o mundo. Dessa forma, contribuiu-se para alteração das imagens negativas de estereótipos de homens e mulheres nos meios de comunicação, reproduzidos por todo o mundo.

REFERÊNCIAS:

ALFARO,R.M (et al.) **Mulher e rádio popular**. São Paulo: Paulinas, 1997.

CARVALHO, Débora Jucely. **A conquista da cidadania feminina**. Revista Multidisciplinar da Uniesp, 2011.

CÉSAR, Cyro. **Rádio: a mídia da emoção**. São Paulo: Summus, 2005.

CORAZZA, Helena. **Questão de gênero: inclusão/exclusão da mulher no complexo midiático**. Texto apresentado no I Simpósio Brasileiro “Gênero e Mídia”. Curitiba, Agosto de 2005.

POLETTTO, Milena Luiza, POLETTTO Thays Renata. **Vozes femininas no rádio: relação de gênero, locução e audiência**. XXXI Intercom, Natal, RN. 2008.

TAVARES,R.C. **Histórias que o rádio não contou**. 2ed. São Paulo: Habra, 1999.

TRINDADE, Etelvina Maria de castro. **Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República**, Coleção Farol do Saber. CURITIBA: Fundação Cultural de Curitiba: 1996.

VELOSO, Ana Maria da Conceição. **O Fenômeno Rádio Mulher: A Voz Feminina Ecoando na Mata Sul**. Memória e Movimento, v. 02, p. 5-17, 2008.